

## Museus de Ciência

# PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Durante qualquer visita a um museu de ciência, é possível notar a presença de alunos e professores interagindo com a mostra, nas experiências e nas observações. Os aspectos lúdicos servem para aproximar o sujeito do objeto e do objetivo maior, que é despertar a curiosidade científica em seus visitantes.

Vários pesquisadores discutem o papel e os limites dessa divulgação científica. Seria um meio educacional não formal, devendo sanar as deficiências da escola no ensino de ciência? Se a escola não consegue motivar os alunos, será que é a função da divulgação científica despertar essa motivação? A aprendizagem é um dos objetivos da divulgação científica? E, ainda, qual o meio mais eficiente de aprender ciência: uma aula, um artigo ou uma visita a museu?

As questões que persistem mostram que não existe um consenso entre os pesquisadores sobre o papel e a esfera onde a difusão de ciência ocorre de forma mais eficiente. Porém, todos parecem concordar com o objetivo fundamental de aproximar a ciência do público, como parte da cultura do homem, e os museus fazem esse papel de aproximação. Mas alguns diferenciam as ações educativas que se dão por meio de exposições e educadores dos museus, com o ensino formal ministrado por professores de ciências.

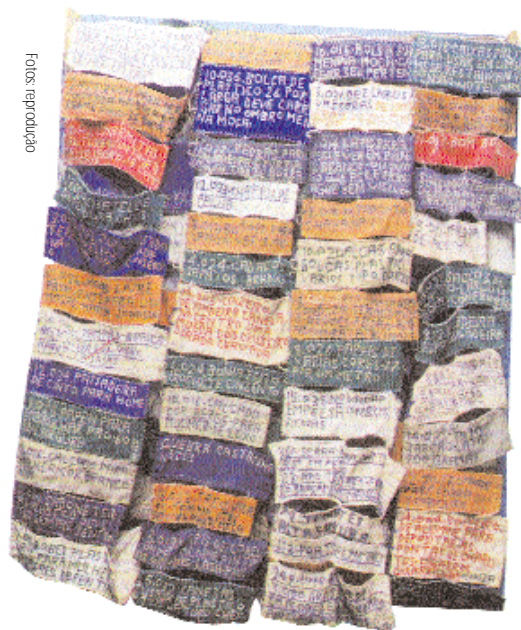
Para Luciana Sepúlveda, coordenadora

de educação do Museu da Vida, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), o museu é educativo quando a visita é agradável e permite ao visitante construir uma experiência particular e significativa, quando ele consegue articular as informações, impressões e descobertas vividas durante a visita, com outras experiências anteriores e posteriores. O museu tem uma abordagem diferente da escola, da biblioteca, do parque, do jornal e da televisão. “Suscita relação de tempo, de espaço com o conhecimento particular, além da presença de objetos diversos (peças de coleções ou objetos concebidos especificamente para museus) que estimulam a construção de significados nesses espaços”, diz Luciana.

Lourdes Patinõ Barba, diretora de serviços educativos do Centro de Ciências Explora, na cidade mexicana de Leon, considera que os museus científicos caracterizam-se como um processo de educação não-formal. “É um espaço diferenciado para as pessoas aprenderem, da mesma forma que um zoológico”. Em sua opinião, ações educativas em museus servem, também, para apoiar escolas.

**NOVO PERSONAGEM** A atuação do educador no museu é recente. Trata-se de um especialista envolvido em todas as fases que antecedem a exposição (planejamento, desenho da mostra, cores e intenção educacional). Promove cursos de capacitação com professores de escolas, para orientá-los na melhor forma de explorar o conteúdo de uma exposição ou do museu. Oferece, ainda, minicursos e oficinas multidisciplinares para professores e alunos. Implementa pesquisas de avaliação no museu e é responsável, enfim, pela produção de material didático.

*Vera Toledo Camargo*



Fotos reproduzidas

Fichários, uma das produções do artista

## Artes Plásticas

# RETOMADA DA OBRA DE BISPO DO ROSÁRIO

Um Cristo envolto numa aura luminosa, protegido por sete anjos azuis. Esta foi a visão delirante com a qual se deparou Arthur Bispo do Rosário, no dia 22 de dezembro de 1938, no quintal de sua casa, no bairro carioca de Botafogo. Caminhou, errante, por dois dias pelas ruas da cidade, antes de ser internado com o diagnóstico de esquizofrenia-paranoica na Colônia Juliano Moreira, onde viveu 50 anos (1939-1989). Ali produziu uma série de obras, que fazem parte do acervo do Museu de Imagens do Inconsciente e simbolizam a possibilidade do tratamento psiquiátrico humanizado e da inclusão social. Seu valor artístico foi reconhecido com

o tombamento de suas obras em 1992 e por integrar várias exposições no exterior, com destaque na Bienal de Veneza (1995) e na Mostra Brasil500 anos que, em 2000, voltou a atrair a atenção para a qualidade de sua arte.

Bispo do Rosário trabalhava com objetos do cotidiano do hospital o que, para alguns críticos, significava “a desconstrução institucional para a construção de um novo significado”. Com fios retidos de seu uniforme de interno, ele bordava panos e velhos lençóis do hospital transformando-os em mantos e estandartes. O que o diretor do museu, Luiz Carlos Mello, interpreta como: “ao desfiar o uniforme despersonalizante, que é o símbolo máximo de uma instituição psiquiátrica, ele cria a sua individualização”. Além dos bordados, Bispo trabalhou sobre papelão e madeira, para criar obras em que estabelece uma ordem própria com sapatos, botas, canecas, entre outros objetos. Foram mais de mil peças, destinadas a cumprir a missão que lhe é revelada por uma voz, de

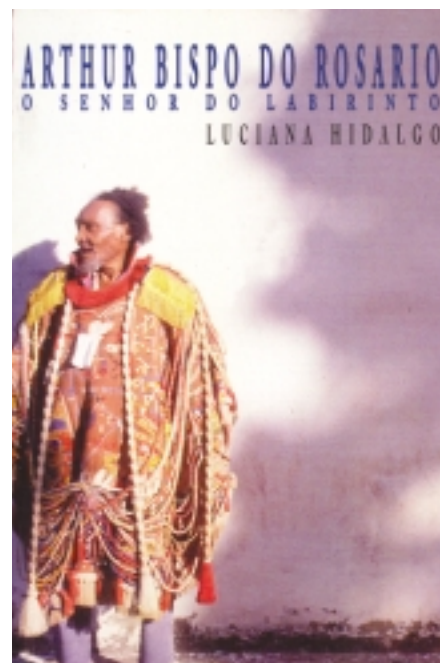
inventariar o universo e entregá-lo reconstituído a Deus. Uma de suas obras mais conhecidas é o “manto da apresentação”, que ele bordou para se apresentar ao criador do universo.

A vida e obra de Bispo do Rosário tem gerado pesquisas acadêmicas e filmes de curta e longa-metragens além de variados eventos durante o ano de 2003, dentro e fora do país. A Galeria Nacional do Jeu de Paume, em Paris, pela primeira vez dá destaque tão especial a um artista brasileiro, ao realizar uma exposição das principais obras do artista entre julho e setembro últimos. A mostra dividiu espaço com outros trabalhos realizados por internos do Centro Hospitalar Sainte-Anne e para a coleção do Centro de Estudos da Expressão, ambos franceses, mas o acervo de Bispo ocupou todo o primeiro andar do museu.

A historiadora da arte da Unicamp, Elaine Dias, atualmente pesquisadora do Instituto Nacional de História da Arte (Inha) da França, considera a exposição no Jeu de Paume uma oportuni-



O artista posando ao lado de uma de suas obras de “coleção” de objetos



Capa do livro com Bispo e seu manto

dade especial de parisienses e milhares de turistas conhecerem o trabalho de Bispo. Entre as obras expostas, ela destaca a presença marcante do manto, que pode ser visto em todas as suas dimensões com o auxílio dos espelhos no teto. No Brasil, outros eventos também focalizaram Bispo do Rosário. O monólogo *Bispo*, criado por Edgar Navarro e interpretado por João Miguel, narra a vida do artista, em uma temporada que percorreu Recife, Salvador, Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo. O Centro Cultural Banco do Brasil, em São Paulo, organizou o evento *Ordemação e Vertigem*, coordenado por seu diretor Carlos A. Calil, e a editora Burti lançou o catálogo das obras do artista. A psicanalista Rosângela M. Magalhães, que conviveu com Bispo em seu estágio na Colônia Juliano Moreira, vai lançar seu livro *Eu e o Bispo*, a ser publicado pela editora Dante.

Marta Kanashiro